

## OS (DES)DIAS DA VIDA-EM-MOVIMENTO COM JÚLIA: FABULAR, DEVIR E SOPRAR MUNDOS

*THE (UN)DAYS OF LIFE IN MOTION WITH JULIA: FABULATING, BECOMING, AND BLOWING AWAY WORLDS*

Guilherme Araújo Soares<sup>1</sup>

**Resumo:** a vida é processo, às vezes em grandes (des)dias, outras em seus pequenos (des)dias, em que somos convocados a inventar modos de continuar em movimento. a narrativa de júlia, entre o mar que silencia, o bolo que apodrece e o sopro dos ventos que ardem, mostra como o cotidiano se abre em fabulações, onde a existência se reinventa em detalhes e restos. inspirado no pensamento de aquino, corazza e adó (2018), este trabalho compreende a poética como dimensão da docência e da vida, feita de traduções criadoras, de escrituras que inventam mundos provisórios. ao fabular a vida-em-movimento, o texto desloca o olhar do ordinário e propõe uma didática-poética que resiste às capturas do mesmo, afirmando a diferença e o devir como forças de criação. assim, os (des)dias se deixam abertos como rizomas que proliferam devires, sopros e linhas de fuga, convidando-nos a habitar poeticamente o tempo.

**Palavras-chave:** Vida; Docência; Poética.

**Abstract:** life is a process, sometimes in big (bad) days, other times in small (bad) days, in which we are called upon to invent ways to keep moving forward. júlia's narrative, between the silent sea, the rotting cake, and the burning winds, shows how everyday life opens up into fables, where existence reinvents itself in details and remnants. inspired by the thinking of aquino, corazza, and adó (2018), this work understands poetics as a dimension of teaching and life, made up of creative translations, of writings that invent temporary worlds. by fabulating life-in-motion, the text shifts the gaze from the ordinary and proposes a didactic-poetics that resists its captures, affirming difference and becoming as forces of creation. thus, the (un)days remain open like rhizomes that proliferate becomings, breaths, and lines of flight, inviting us to inhabit time poetically.

**Keywords:** Life; Teaching; Poetics.

Essa senhora tinha a vertigem de viver. A vertigem se acentuava quando ia passar dias numa fazenda: a altitude, o verde das árvores, a chuva, tudo isso a piorava. Quando ouvia Liszt se arrepiava toda. Fora linda na juventude. E tinha vertigem quando cheirava profundamente uma rosa.  
Clarice Lispector (2020, p. 51)

### 1 PRÉ-VIBRAÇÕES

Viver é atravessar (des)dias: instantes em que a vida se abre em claridade e outros em que se dobra em sombras, exigindo de nós invenções para continuar em movimento. A narrativa de Júlia, em seus encontros com o cotidiano, o mar e o bolo de leite, mostra que a existência se tece em fabulações, em pequenas derivas que tanto anunciam quanto interrompem os fluxos de vida. É nesse interstício, entre o ordinário e o extraordinário,

<sup>1</sup> Doutorando em Educação em Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas. Integro o Grupo de Pesquisa Vidar em In-Tensões (UEA/CNPq). Movimento-me entre as artes, as educações, as filosofias e as vidas, (co)habitando suas zonas de encontro, onde o pensamento se faz travessia, invenção e desvio

entre o que apodrece e o que floresce, que a poética se inscreve como prática de resistência, como modo de habitar o tempo.

Se, como afirmam Aquino, Corazza e Adó (2018), a docência pode ser compreendida como trabalho eminentemente poético, marcado por gestos de leitura, escrita e tradução que se fundem em um canto tradutório, também a vida em movimento se deixa pensar como um processo de escreitura (Corazza, 2008). O que criamos ao viver não tem nome prévio (Valéry, 2007), mas emerge no sopro, no detalhe, no acontecimento que nos arranca da linearidade e nos convida à invenção.

Assim, pensar os (des)dias da vida em movimento com Júlia é experimentar uma didática-poética, que deseja abrir fissuras para o novo. Uma didática que, ao modo de tradução criadora (Corazza, 2016), acolhe o fragmento, o resto, o silêncio e os transforma em matéria de pensamento (Barthes, 2007). Neste sentido, viver poeticamente é também educar-se e educar o mundo, nos gestos cotidianos que, embora pequenos, ampliam as possibilidades de existir.

Nessa travessia, os (des)dias se configuram como tessitura de forças que nos afetam e nos convocam a criar. A vida em movimento com Júlia mostra que cada gesto, o encontro com o mar, o bolo interrompido, o silêncio de lemanjá, é também uma inscrição poética que nos lembra que viver é fabular. A poética, nesse sentido, não se restringe ao campo da arte, mas se espalha no cotidiano como invenção de modos de existir, como resistência às capturas que tentam reduzir a vida à repetição do mesmo. É nessa dobra entre o ordinário e o (po)ético que a didática encontra seu chão, operando como movimento de reinvenção permanente, abrindo linhas de fuga e rizomas de sentido que atravessam o viver-docente e o viver-comum.

## 2 O (DES)DIA DE JÚLIA

<sup>2</sup> Os movimentos (po)éticos nos quais me lanço com Júlia e com os/as intercessores/as espriam-se como forças artístico-científicas em deriva, compondo conexões sensíveis com uma pesquisa de doutorado em *cursum*, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM).

FIGURA 1 – M(ar)



Fonte: Autor (2026)

Uma passarela de madeira  
avança suavemente sobre a  
areia clara, como um convite  
ao caminhar sem pressa. O  
corrimão escuro acompanha o  
olhar em direção ao horizonte,  
onde o mar respira em ondas  
tranquilas. Ao longe, uma ilha  
repousa silenciosa sobre a  
linha do m(ar). À direita, a  
montanha coberta de verde  
abraça a praia, guardando  
casas claras que quase se  
confundem com a luz. Acima  
de tudo, um céu azul se  
estende, leve e aberto, criando  
uma sensação de liberdade e  
continuidade.

Júlia acorda às seis.  
A brisa leve invade o quarto  
quando a esposa abre a janela.

No portão da escola, deixa-os.  
No caminho de volta, encontra Jurema, a vizinha:  
– *Cuidado, Júlia, o sol castiga hoje.*  
Ela ri, desatenta:  
– *Quero mesmo é me banhar no mar.*

Os ventos do dia trazem o cheiro de bolo de leite.  
Recorda a mãe, a avó, a bisavó.  
Receita passada como herança.  
Decide: mais tarde, o bolo.

Na banca do Senhor Marcos, compra ovos e compra leite.  
Promete-se: *bolo de leite.*  
Em casa, deixa as compras,  
escolhe a roupa de praia.  
Desliga o telefone:  
silêncio.

*(O mar será seu paciente.)*

No celular: 26°C.  
O vento fresco desperta o corpo,  
mas já vêm os compromissos:  
erguer os filhos, preparar a escola, organizar o dia.

A ideia invade.  
O mar como fuga, o mar como cura.  
Psicóloga de ofício,  
hoje ela quer consulta apenas com lemanjá.

Na areia, espera o chamado.  
Mas as ondas estão mortas, sem pulso.  
O corpo do mar não a quer.  
Volta para casa.  
Iemanjá se cala.

No relógio, 13h20.  
O sol pesa.  
A fome CRESCE.  
Os restaurantes fervem de gente.  
Ela lembra: *bolo de leite*.

Ao dobrar a esquina,  
o vento já não refresca:  
é brasa, é fumaça, é ruína.

Em casa, corre ao banho.  
A água é quente.  
Sai do chuveiro em chamas.

Na cozinha, reúne os ingredientes:  
quatro ovos, leite, farinha, açúcar.  
Um ovo. Dois. Três... (ECA!)

O terceiro se rompe podre.  
O fedor invade.  
O fedor é corpo morto.  
Júlia para.

O (des)dia apodrece no ovo.  
O bolo desfeito é presságio.  
Ela sussurra, como reza quebrada:

– *Não era meu dia, Iemanjá.*

### 3 SOPROS DE UM VIVER QUE NÃO SE ENCERRA

Viver os (des)dias é aprender que o tempo se abre em fendas, onde a vida pulsa em múltiplas intensidades. Júlia nos mostra que o ordinário se dobra em fabulação: o mar que silencia, o bolo que apodrece, o vento que arde. Cada gesto, cada ruína, cada resíduo, revela-se como matéria poética de um existir que não se deixa aprisionar pela linearidade.

A poética, quando atravessa a vida, transborda os limites da arte e se instala no cotidiano como movimento de invenção. Ela se faz escritura, tradução criadora que transcria; não explica, mas fabula. Assim, é a didática-artista de Corazza: gesto que não busca respostas prontas, mas inventa mundos provisórios, abrindo linhas de fuga na educação e na existência, soprando resistência contra a repetição do mesmo.

Concluir, aqui, é sempre não-concluir. É afirmar que o viver se espalha em rizomas, abrindo passagens, multiplicando outros devires (Deleuze; Guattari, 1995). Os (des)dias não se encerram no silêncio de Iemanjá nem no ovo podre do bolo interrompido; ao contrário, sopram como convite para seguir em movimento, como fabulação que insiste, como poética que resiste. O texto, portanto, permanece em aberto, respirando com a vida que ainda está *por vir*.

### VOZES INTERCESSORAS QUE NOS ATRAVESSAM

AQUINO, Julio Groppa; CORAZZA, Sandra Mara; ADO, Máximo Daniel Lamela. Por alguma poética na docência: a didática como criação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, p. 1-18, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698169875>. Acesso em: 12 ago. 2025.

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CORAZZA, Sandra Mara. **Os cantos de Fouror**: escrileitura em filosofia-educação. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

CORAZZA, Sandra Mara. Currículo e Didática da Tradução: vontade, criação e crítica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 41, n. 4, p. 1313-1335, out./dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-623658199>. Acesso em: 20 ago. 2025.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, v.1. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

VALÉRY, Paul. **Variedades**. Tradução de Maiza Martins de Siqueira e João Alexandre Barbosa. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 2007.

Recebido em: 08/09/2025

Aceito em: 18/03/2026